

O banheiro no cinema: sexo, drogas e algum odor

Ludmila Helena Rodrigues dos Santos¹

Luiz Henrique de Toledo²

Resumo:

Este artigo avalia o imagético e a representatividade de um espaço significativo nas relações e interações cotidianas: o banheiro. Para tal, recorre a imagens deste local em expressões artísticas distintas, privilegiando a abordagem cinematográfica que trata da temática do uso de drogas. O recorte proposto mostra o significado do banheiro no enredo destes filmes: ele é o local das cenas em que os personagens atingem o auge da degeneração, e, em alguns casos, este mesmo lugar aparece como contraponto de purificação, o que dialoga com as depravações físicas e psicológicas tratadas nos filmes. Com base neste simbolismo, este local é privilegiado ao tratar do íntimo, pessoal, do inconfessável, do corrompido, do que é excretado e do que deve ser higienizado. A temática das drogas serve como um catalisador de significados que o banheiro expressa.

Palavras-chave: Cinema, banheiro, drogas, simbologia

Pensar o banheiro como local significativo e de interação de corpos, cheiros, intenções, impressões é algo tão cotidiano, que a problematização ou ainda a reflexão dos símbolos e significados deste espaço muitas vezes nos escapa de encará-los como uma questão ontológica.

O que é o banheiro senão um local de impressões paradoxais? Lugar de pureza e impureza, permissividade e repressão, privacidade e exposição... Por ser um espaço simbólico, suas representações impactam na arquitetura, nas expressões artísticas, nas relações pessoais.

Este trabalho busca esta interface entre o banheiro, seus significados e simbologias urbanas, e para tal busca um levantamento do significado deste local nas

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
E-mail: ludhrsantos@yahoo.com.br

² Professor Doutor da Universidade Federal de São Carlos
E-mail: kike@ufscar.br

expressões artísticas, centrando-se especialmente em imagens difundidas em filmes, mas perpassando a literatura e as artes plásticas.

Uma primeira impressão importante, que contextualiza o banheiro como lócus significativo, pode ser ilustrado por um evento polêmico que traz a tona o universo das artes plásticas à luz da arte conceitual: a exposição de Marcel Duchamp de um mictório. Duchamp foi o responsável pelo conceito de ready made, que é o transporte de elementos da vida cotidiana, que não possuem reconhecimento artístico, para as artes. Em vez de torná-los objetos artísticos, ele os considerava prontos e os exibia como obras de arte.



Marcel Duchamp, *A fonte*³

A Fonte, uma das obras mais polêmicas e conhecidas de Duchamp (a qual ele assina sob o nome de "R. Mutt", possível de se ver ao lado da peça), se baseia, pois, no conceito de Ready Made:

Os Ready-Made são objetos anônimos que o gesto gratuito do artista, pelo único fato de escolhê-los, converte em obra de arte. Ao mesmo tempo este gesto dissolve a noção de obra... [...] O ready-made não postula um valor novo: é um dado contra o que chamamos de valioso. É a crítica ativa: um pontapé contra a obra de arte sentada em seu pedestal de adjetivos. A ação crítica se desdobra em dois momentos. O primeiro é de ordem higiênica, um asseio intelectual: o ready-made é uma crítica ao gosto; o segundo é um ataque à noção de obra de arte. (PAZ, 2002, p. 23)

Pensada inicialmente por Duchamp para figurar entre as obras a serem julgadas para um concurso de arte, a escultura foi rejeitada pelo júri, uma vez que, na avaliação

³ Imagem retirada do endereço eletrônico: <http://fashionblend.files.wordpress.com/2009/06/afonte.jpg>

deste, não havia nela nenhum sinal de labor artístico. Com efeito, trata-se de um urinol comum, branco e esmaltado, comprado numa loja de construção e enviado ao júri. Apesar do significado artístico ou ainda das explicações psicanalíticas, nos interessa porque tal objeto carrega em si significados que o tornam possível de ser ícone de um movimento crítico artístico. Poderia ser outro objeto? Mas qual a representatividade deste objeto para ser escolhido dentre as inúmeras possibilidades para este mesmo fim? O objeto carrega em si significados compartilhados?

Trazer o movimento do Ready Made e a importância do uso de um mictório como um questionamento estético que visa indagar o significado da obra de arte, não busca reduzi-lo a um gesto isolado e sim pensar os sentidos deste gesto, apropriando-se deste objeto específico- que não só é de uso cotidiano como seria, por exemplo, uma panela-, mas traz algo de íntimo, compartilhado, de antiestético, de visceral- opondo-se a um conceito puro e uma singularidade associada ao seu uso. Este ato de problematizar o objeto introduz um movimento que tentaremos neste artigo: o de refletir o banheiro, suas interações, seus objetos, sua representatividade.

Para entender tais questões é necessário reunir algumas impressões sobre este local, seus usos e sentidos subjetivos e compartilhados, os quais tentaremos ilustrar trazendo alguns filmes de temática específica: o uso de drogas, e associando os temas recorrentes neste tipo de enredo com o imagético deste ambiente.

Ao refletirmos acerca do banheiro, vemos a ligação deste e sua especificidade a um discurso que evoca a evitação das necessidades fisiológicas e as partes “proibidas” do corpo, determinando sentidos e comportamentos específicos, como é o caso dos ditos populares, como o que diz que “menino que brinca com fogo faz xixi na cama”, ou ainda a designação informal de uma situação de sorte inesperada ou de um “vacilo” não calculado como uma “cagada”. Tais exemplos remetem às impressões, sensações e conceituações que temos a respeito do que é expelido do nosso corpo, ou das partes do corpo que devemos evitar – também denominadas de partes marginais: “é lógico que os orifícios do corpo simbolizem os pontos mais vulneráveis. A matéria que sai por estes orifícios é, evidentemente, marginal. Cuspo, sangue, leite, urina, fezes, lágrimas, ultrapassam os limites do corpo pelo simples fato de serem segregados” (DOUGLAS, 1976, p. 89).

Esta perspectiva também abrange o fato de que o “corpo negado” e o que lhe é excretado são intocáveis, inexprimíveis e, porque não, inconfessáveis. Mas até que ponto, em que situações e em quais lugares temos tais proibições mais ou menos latentes?

No filme “Requiem para um sonho”, direção de Darren Aronofsky, há uma imagem de que ilustra bem a importância do *locus* específico para tratar do “expelido” e para “expelir” o que guardamos em nossas entranhas.

O filme trata de vícios generalizados - drogas variadas (cocaína, maconha, ácido lisérgico, anfetaminas) e ainda alguns vícios tolerados como: comida, televisão... E apresenta como a conexão sonhos e drogas se desenvolve durante o filme em drogas e realizações e termina em vício e degeneração. Uma abordagem típica deste recorte temático.

A cena que nos interessa diz respeito à fase de decadência de um dos personagens. Marion, menina rica e bonita, sonhava em ter sua própria grife de roupas e, alimentava tal sonho a base de drogas (tanto para nutrir seus devaneios como para se financiar através do tráfico realizado por seu namorado). Quando se vê sem as mesmas, viciada e solitária – sem companheiro, sem amigos, sem sua grife de roupas e em crise de abstinência – decide prostituir-se para conseguir a droga. O momento de reflexão e de sofrimento por conta de tal decisão se dá no *banheiro* de seu apartamento. Aqui o banheiro da casa é o local do particular, por isso o conflituoso vivido subjetivamente tende a ser associado a este ambiente. Trata-se do particular do particular, algo em camadas, lugar da exposição de si para si. Por isso é no banheiro que a personagem encara a si e a seus dilemas. É de lá que ela toma coragem e liga para o indivíduo que troca drogas por sexo. Neste recinto que ela decide se “depravar”, se humilhar, “chegar ao seu fim”. Depois de se prostituir, é neste ambiente que a vemos tentando se purificar e extravasar seu asco, seu lapso de consciência, em uma cena em que toma banho e grita mergulhada na água da banheira (um grito abafado, na água, sufocante). Vemos como a questão do puro e impuro é vivida, neste local específico – principalmente ao que tange a questão da sexualidade feminina e pureza. O grito abafado no banheiro é interno, um pedido desesperado de limpeza, a consciência de que estava suja.

É comum a imagem do banheiro (privado) ser associada em filmes como local de purificação, e, como exemplo extremado desta característica, é possível evocar a

imagem de uma cena recorrente: a mulher que sofreu algum tipo de violência sexual, tomando banho, chorando e limpando-se (tanto os ferimentos como simbolicamente) da agressão sofrida no chuveiro.

É interessante ressaltar que, geralmente os filmes desta temática especificada, o uso de drogas, possuem uma cena impactante no banheiro. Assim também o é no filme “Eu, Christiane F.-13anos, drogada e prostituída”, no filme “Kids”⁴, “Trainspotting – Sem limites”, entre outros do mesmo gênero. Trataremos destes títulos numa perspectiva comparativa buscando ressaltar esta simbologia do banheiro e como está em consonância com nossas vivências e nosso significado cotidiano.

Se seguirmos uma ordem cronológica e uma linha que traça o perfil destes filmes, desde uma abordagem cinematográfica do tema de drogas, até recursos de filmagens específicos deste gênero, temos o filme “Eu Christiane F. 13 anos drogada e prostituída” como um importante percussor da temática das drogas, considerando sua repercussão e audiência na época em que foi lançado. Uma atmosfera sombria, confusa e uma trilha sonora frenética (de David Bowie) o integram. A ligação com o banheiro e suas funções é expressa desde a primeira fala da personagem, a saber: “A podridão está em toda parte é só dar uma olhada... Mas o mau cheiro é pior nas escadas dos prédios. O que as crianças podem fazer quando querem ir ao banheiro? Até o elevador vir já sujaram as calças e apanharam. Por isso, preferem fazer nas escadas”.⁵

Desta forma, a presença do banheiro como local significativo é explicitado pela aparição constante deste ambiente desde primeira idéia expressa até a última cena em que a protagonista aparece tendo uma overdose de heroína em um banheiro público.

Como o filme trata de uma degeneração progressiva de Christiane, há várias cenas que ligam este estado degradado da personagem com a atmosfera íntima, pessoal, confessional, fétida e orgânica que o banheiro expressa. A primeira vez que a personagem tem contato com drogas, aos 12 anos, a cena se passa no banheiro de uma boate de Berlim. Seu primeiro “pico”- a primeira vez que usa heroína injetável- foi num banheiro público da Estação Central, e, nesta mesma estação ela tem a heroína roubada pelo homem que a ajudou a injetar sua primeira dose, numa cena memorável em que ele pula a cabine onde ela se trancara para injetar a droga, a rouba, vai para frente do

⁴ As referências dos filmes constam na bibliografia deste projeto.

⁵ Fala retirada da primeira cena do filme tal qual expressa pela legenda.

espelho e injeta a seringa já preparada na jugular - sob horror de uma senhora que presencia tudo. Em sua primeira overdose, ela é encontrada pela mãe no banheiro de sua casa. Neste mesmo lugar sua irmã mais nova fuma maconha e toma banho compartilhando intimidades cotidianas com a protagonista no dia do seu aniversário de 14 anos. Entre idas e voltas o filme trata de vícios e limites extrapolados e o local preferencialmente retratado é o banheiro.

Esta tendência se mostra de forma distinta no filme Kids, que trata de uma juventude completamente sem limites, sem valores, sem culpa. Como o filme trata o caos e este é retratado como um excesso de liberdade, ele não se prende a um espaço físico. As cenas expressam o movimento dos personagens, então os quadros se modificam, mas o caos é instaurado em todos os lugares: na rua onde é permitido urinar, comprar drogas, roubar, na mercearia, no apartamento dos amigos, no quarto das meninas, no hospital, no taxi, na boate, na festa e nos banheiros. O banheiro deixa um pouco esta tendência do local do degradado, pois o filme quer mostrar isso de maneira aberta e generalizada.

Temos um movimento de procura que se dá por parte da personagem protagonista que no começo do filme tem uma imagem “pura” diante de tanta depravação. Ela apenas havia tido uma relação sexual com o protagonista masculino do filme – que é um especialista em “desvirginar” meninas. Ao acompanhar uma amiga que foi ao hospital fazer um exame de HIV (Sigla em inglês da Síndrome da imunodeficiência adquirida) descobre por acaso que se tornou soro positiva após esta iniciação, e então vai atrás do antigo parceiro para lhe contar. Por isso não há só um cenário, é um filme em movimento, que procura e traz dramas existenciais.

É durante esta busca que esta personagem perde totalmente o controle de si, quando vai a uma boate, e lá vai ao banheiro acompanhada de um amigo - que quer lhe mostrar a proporção de adeptos do sexo grupal que acontecia ali naquele ambiente. Neste banheiro depravado que ela toma uma pílula – não especificada- que lhe deixa totalmente alucinada, fora de si, distante de seu propósito. O amigo que lhe dá a droga lhe diz que ela se sentiria no céu em alguns segundos, e na verdade, o filme mostra o movimento inverso, terminando com uma cena dela desmaiada em função do entorpecente e sendo estuprada- no lugar onde finalmente ela encontra o antigo namorado que estava tendo relações com mais uma menina virgem no quarto. Sua saga foi em vão, e acaba com a contaminação generalizada – da menina virgem pelo garoto,

do esturador (colega) pela menina com boas intenções. O amigo que estupra a personagem também aparece no banheiro nas cenas anteriores, bêbado, drogado, conversando com um amigo desmaiado ao lado da privada. O banheiro representa neste cenário o local da depravação coletiva e ao mesmo tempo do da degeneração final dos personagens em diferentes instâncias.

O filme “Trainspointting- sem limites” foi lançado em 1996; dirigido pelo britânico Danny Boyle, também diretor do filme vencedor do Oscar no ano de 2009: “Quem quer ser um milionário”. Polêmico, Trainspointting recebeu muitas críticas pela forma como mostra um grupo de jovens dependentes de drogas, mas virou referência pela linguagem, o uso de “câmeras nervosas”, pelas cenas “absurdas” que se aplicam perfeitamente ao universo de deterioração pessoal dos personagens. Em vários momentos esta deterioração é manifestada pela presença de fezes numa analogia que ultrapassa o simbólico para falar literalmente dos significados drogas versus dejetos do corpo- sempre expressando a falta de controle, a ruína pessoal.

Uma das cenas mais impactantes do filme neste sentido é protagonizada pelo personagem principal, Renton, na qual em um momento de fissura por drogas ele compra um supositório de ópio, na tentativa de diminuir a necessidade de heroína, droga da qual tenta se livrar no decorrer do filme. Logo após introduzir as cápsulas no reto, ele passa por uma crise de dor de barriga e corre para o banheiro de um Pub.

Obviamente, o banheiro do lugar representa já o grau de decaimento do protagonista, o que é trazido à pauta pela narração do personagem, onde se figura a diferença do banheiro “real” e do qual ele gostaria de freqüentar neste momento, com todas as simbologias de um banheiro considerado bom para o uso: “Imaginei um banheiro enorme, privadas douradas com mármore branco, tampa de marfim e água da descarga puro Channel 5, e um criado me passando um papel higiênico de seda. Mas no meu estado qualquer coisa servia”⁶.

O próximo quadro apresentado é o personagem entrando no banheiro com a legenda “pior banheiro da Escócia”. O banheiro é exageradamente nojento, desde o piso até o chão imundo, úmido, fétido. A privada de fato representa a antítese do desejo do personagem, mostrando que a realidade é degradante e está de acordo com o modo de vida do protagonista. Mas coerentemente com a narração de Renton, ele não tem

⁶ Fala retirada de forma literal da legenda do filme.

escolha e evacua ali mesmo. Entretanto, com o movimento de expelir as fezes, naquele lugar que expelle pessoas que não estão em estado de profundo desespero, o personagem elimina também as cápsulas de ópio que havia acabado de comprar, e, no auge desta narrativa de absurdos, Renton começa a mexer na privada onde se encontram fezes e dejetos dele e de outros freqüentadores – uma vez que o ambiente representa a contaminação de forma visual- procurando os supositórios. Ele não só procura como “mergulha” na privada na sua busca improvável. Nesta hora há a perspectiva do personagem ilustrada que passa da escória ao ato de heroísmo de resgatar o que se procura atravessando as diversidades. O fim da cena é Renton saindo do Pub todo molhado e fétido, mas com ar de vitorioso.

No filme há outras cenas que retratam o banheiro e a intimidade típica do local. Assim o é na parte que a namorada do personagem Spud (personagem secundário e cômico) relata no banheiro para a amiga que já está no relacionamento há seis semanas e ainda não tinha feito sexo com o mesmo. Diz que faz parte de uma teoria que ela leu na revista (Cosmopolitan), relata a dificuldade e ao mesmo tempo o prazer de ver o sofrimento do parceiro. Paralelamente, a amiga discorda da eficiência da “teoria” e fala que não deixaria de aproveitar o melhor que o namorado tem para oferecê-la. Conta episódios particulares do relacionamento, que vão sendo intercalados pelas diferentes visões dos parceiros. O interessante desta cena é que a conversa particular entre as amigas se dá no banheiro e já a dos homens se dá na mesa do bar. Uma tendência vivida no nosso cotidiano, que diz respeito aos gêneros e aos ambientes confessionais.

É sabido que o banheiro de uso público segue certas especificações fruto desta ética que o prevê como local de privacidade e de certos detalhamentos sanitários. Há divisórias que garantem a individualidade e preservam a intimidade do usuário, mas, paradoxalmente o expõe a vigilâncias minuciosas de outros olhares, que freqüentam o banheiro, que esperam sua vez para utilizá-lo. Esta dicotomia é expressa de forma latente nos filmes analisados, mas ela também faz parte do nosso discurso acerca do banheiro. Daí o impacto e a agressividade da cena do Filme *Christiane F.* que o viciado adentra a cabine fechada para roubar heroína da personagem. Isto representa mais que um ato de abstinência, significa extrapolar limites, desrespeitar fronteiras. O horror do ato não é somente pelo uso da droga- que é retratado de maneira tão agressiva e desesperada –, ocorre também pela quebra de uma ética que se espera que as pessoas

tenham no banheiro que é respeitar o espaço individual das cabines, lugar de intimidade, privado.

O banheiro então reflete a dicotomia privacidade versus exposição. Valores que expõem o evitamento que devemos ter das nossas secreções do corpo, que devem ser parte da intimidade: intimidade esta que não deve ser compartilhada ou exposta, pois é vergonhosa, indelicada, deve ser disfarçada, desodorizada, desinfetada, individualizada e separada. Tal intimidade relativa ao banheiro reflete uma tendência urbana, a de individualizar os espaços dos *toilets*. O banheiro urbano diferencia-se da “casinha” rural, da cisterna externa. É fruto de um planejamento sanitário que traz o banheiro para dentro da residência, que faz com que os dejetos humanos sejam captados e tratados por um sistema de esgoto. A respeito desta relação banheiro e individualidade e/ou privacidade, abriremos um “parêntese literário” para expor uma crônica de Mário Prata que retrata como o banheiro vem mudando sua configuração dentro das residências fruto também dos valores supracitados.

SAUDADE DO BANHEIRO DE ANTIGAMENTE

Quero comprar um apartamento de três quartos, sem suíte. Repito: sem suíte. Impossível. Ontem mesmo começaram a construir um de quatro quartos aqui bem na frente do meu. Quatro suítes. Será que não se fabrica mais apartamentos e casas como antigamente? Com um só banheiro, comunitário, grande, todo branco de chão vermelho, com janelas para as mangueiras, com banheira grande, branca como devem ser as banheiras?

O que será que está mudando nesta nossa moderna sociedade de consumo? O brasileiro, de uns tempos para cá, vem defecando mais? Não digo as defecadas federais, nem as estaduais, nem as municipais. Estou me referindo à nossa defecadinha honesta de todo o dia, pessoal, íntima.

Ou será que foram os arquitetos que perderam o senso do ridículo?

O mais interessante é que, antigamente, as famílias eram bem maiores, tinham-se mais filhos. E banheiro, um só. Ladrinho vermelho encerado ou com vermelhão. Ali se fazia as necessidades e se tomava banho. Tinha horas do dia que se faziam filas para entrar em banheiro. Hoje, fila de banheiro, só em festinha para se dar uma cafungadinha.

Os banheiros tinham janelas. Não era necessário nenhum perfume artificial para se combater o cheiro de cada um. O banheiro tinha um cheiro característico dele, uma mistura de pasta de dente com sabonete Gessy. Hoje, como os banheiros são mínimos, sente-se cheiro de tudo. Principalmente das nossas necessidades fisiológicas. Os banheiros são pequenos cubículos, caixas de cheiro duvidoso. Dentro da latrina já se coloca um baratinho, depois, joga-se não sei o que lá dentro. E,

dependendo do almoço ingerido, ainda se tem que dar umas borrifadas deste ou daquele produto.

Antigamente um rolo de papel higiênico dava para uma família, semanas. Hoje, gasta-se muito mais. Não sei por que andamos nos sujando tanto. Vocês já notaram nos carrinhos de supermercados, a quantidade de papel higiênico que as donas de casa compram? E tem mais: já tem papel higiênico que já vem perfumado. Pessimamente perfumado, mas perfumado. Claro, nesta caixa que se tornou o banheiro, por onde vai sair o cheiro?

E quando a namorada é nova, você dorme com ela, acorda no dia seguinte e vai fazer o seu serviço e aquele cheiro fica a invadir o seu quarto e ela, que também, está a fim de ir lá, disfarça na cama, fica fazendo hora, porque sabe que a barra está pesada lá dentro? Sei de casos que terminaram na primeira manhã de amor.

E fazer amor debaixo do chuveiro nestes apartamentos cheios de suíte? Já tentaram? Impossível. Os Box são feitos só para um e olha lá. Para se abaixar para pegar um sabonete no chão teme-se ferir o bumbum na maçaneta. Se você senta-se na privada não pode abaixar a cabeça porque senão bate na pia. E, no bidê, tem-se que fazer ginástica para lavar qualquer parte chamada pudenda. Hoje, os bidês parecem mais com bibelôs de porcelana. E aquelas suítes que não tem esguicho no bidê e então você tem que puxar o chuveirinho do chuveiro, atravessado ali naqueles dois metros quadrados. Corre-se o risco de tropeçar nele e bater a cabeça na torneira da pia.

Saudades da fila do banheiro. Ou quando a mãe mandava tomar banho, era aquela gritaria: primeiro! Sou o último! Vai, menina, não agüento mais! Mãe, o fulano está demorando muito! Ou, como aconteceu com uma amiga minha que, na pré-adolescência foi reclamar com a mãe que tinha vistos vários espermatozóides do irmão andando pelos ladrilhos do banheiro.

Enfim, as suítes que estão nos vendendo, são mais um motivo para a desagregação da família. Estão isolando pais de filhos, irmãos de irmãs. Antigamente, a família que defecada unida, era muito mais unida.

Ultimamente, no Brasil, parece que só os anões do orçamento continuam a defecar juntos. Mas, na prisão, tenho certeza que cada um vai ter uma cela individual. Uma suíte para cada um. Para que nunca mais fiquemos sabendo de suas defecadas coletivas. E que eles agüentem sozinhos o cheiro da podridão que fizeram com o nosso dinheiro. (PRATA, 1994)

Assim temos que as imagens de fezes, os dejetos em geral, a sujeira do ambiente e o próprio banheiro, sua significação e acesso - pois há uma diferença de percepção entre banheiro privado, da nossa casa ou de acesso limitado e banheiro público ou de acesso irrestrito como o caso de banheiros de bar, de rodoviárias, de mercados, de ônibus de viagens, etc. – nos trazem o confronto da dicotomia acesso restrito versus

acesso ilimitado com as categorias de pureza e impureza expressas por Mary Douglas (além da idéia de vigilância), e, a partir de tal confronto é possível compreender como que certos banheiros nos remetem à idéia de impureza, de contaminação, que nos leva a manifestar sensações como asco, náuseas e evitação. A cerca de tal questão a autora constata:

[...] As nossas idéias sobre a impureza estão dominadas pelo nosso conhecimento dos organismos patogênicos. No século XIX descobriu-se que as bactérias transmitem doenças. Esta grande descoberta esteve na origem da evolução mais radical da medicina. Transformou de tal maneira a nossa existência que hoje nos é difícil pensar na impureza sem evocar de imediato o seu caráter patogênico. (DOUGLAS, 1976, p. 30)

É ainda interessante destacar o *lócus* específico destas representações, o banheiro situado na cidade, a cidade aqui como palco de interações e que tem a “intensificação da vida nervosa como fundamento psicológico”⁷. Isto quer dizer que, a vida em, e a interação com, um círculo mais amplo produzem, uma consciência de personalidade maior que aquela que surge em um círculo mais estreito; isto acontece, acima de tudo, porque é precisamente através da alteração de sensações, pensamento e atividades que a personalidade se documenta. (SIMMEL, 1971 apud FIGUEIRA, 1981, p.98). Dentro desta premissa, nossa reflexão mostra a interface destas expressões artísticas apresentadas com estudos de antropologia urbana, em função de significarmos o banheiro como local - representativo e representado- desta situação específica em que as subjetividades se interagem e se expressam na cidade, resguardadas pelo anonimato e privacidade do ambiente.

A respeito da expressão da subjetividade na cidade moderna, George Simmel nos fala da intensificação da vida nervosa na cidade, que torna seus habitantes cada vez mais sensíveis aos choques, confusões e desordens que os atinge através da proximidade e do contato mais imediatos com homens e sucessões de acontecimentos e informações.

Tais características que podem aparentar em uma impressão inicial como dissociação, são na verdade apenas uma de suas formas elementares de socialização no ambiente urbano. Viver na cidade grande supõe sempre estratégias de sobrevivência em meio à concentração – estratégias que são, o mais das vezes, comportamentos

⁷ A respeito da questão da intensificação da vida nervosa como fundamento psicológico típico de ambientes urbanos, ver Simmel (2005).

estilizados. E é neste cenário que se dá a tensão entre o individualismo quantitativo e o individualismo qualitativo: tanto do indivíduo que é igual e livre como do indivíduo que é diferente e único. Neste sentido, a cidade grande e moderna é vista como campo de batalha, de prova e de experimentos da moderna individualidade. (SIMMEL apud WAIZBORT, 2000). E o banheiro é concebido como local arquitetonicamente planejado para a preservação individualidade.

A temática do caos, da degeneração pessoal, das relações extremadas, do entorpecente, enfim, dos estados psíquicos e o resultado das interações destes egos só poderia ser retratado na cidade. Mas não qualquer cidade: a metrópole e sua infinidade de relações e possibilidades. A cidade grande olhada como totalidade e não o olhar do partilhado, do reconhecível, do bucólico- pois a metrópole traz em si várias instâncias, inclusive partilha sentimentos de comunidade dependendo do enfoque das relações. Pensar a representação disso nas artes, enfocando o banheiro como local destas relações, sob um recorte temático que trata de drogas, é perpassar estas questões e refletir a respeito das relações na cidade, da esfera das subjetividades, de como o acadêmico e as expressões artísticas dialogam para ilustrar e analisar estas realidades:

... Não há mais análise social que possa fazer economia dos indivíduos, nem análise dos indivíduos que possa ignorar os espaços por onde eles transitam.

Um dia, talvez, virá um sinal de outro planeta. E, por um efeito de solidariedade, cujos mecanismos o etnólogo estudou em pequena escala, o conjunto do espaço terrestre passará a ser um lugar. Ser terráqueo significará alguma coisa. Enquanto se espera, não é certo que as ameaças que pesam sobre o meio ambiente bastem para isso. É no anonimato do não-lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos humanos.

Haverá, portanto, espaço amanhã, talvez já haja espaço hoje, apesar da aparente contradição dos termos, para uma etnologia da solidão. (AUGÉ, 2005, p.110)

É inquietante como o universo do banheiro se abre a um olhar mais atento, para mostrar as relações que existem e são próprias deste local. E as impressões típicas deste espaço e algumas de suas intenções expressas, se encontram tanto nas artes como tentamos mostrar neste trabalho – cinema, literatura, performace, artes plásticas, entre outras, como no cotidiano e nas ferramentas que utilizamos como meios de expressão em geral. Na internet é possível encontrar endereços eletrônicos como www.banheirofeminino.com.br – que descreve situações e se fundamenta exatamente nestas impressões do banheiro, expressas e tratadas muitas vezes de maneira clichê para

apresentar relatos cômicos, eróticos, íntimos, de gênero... Como por exemplo o caso do espaço de discussões eróticas chamado: “pergunte ao tio da limpeza”. Há ainda comunidades no orkut que marcam encontros presenciais (muitos de cunho sexual) nos banheiros masculinos, prática comum de se notar nestes banheiros expressas através de grafitos encontrados nas portas. Trata-se pois, da expansão desta prática para um universo mais amplo, mantendo contudo o banheiro como local do ousado, do íntimo, da fantasia.

Estes são apenas exemplos de como este local e sua representação são temas essenciais para entender as dinâmicas de interação de nosso tempo. E quando tratamos de interação no momento que vivemos, lidamos com estudo de subjetividade, de relações entre pessoas e grupos, de princípios classificatórios, de um repertório discursivo, de um universo simbólico, de interações e diálogos com as mais diversas áreas de conhecimento.

Daí esta tentativa de enxergar e utilizar as artes como metodologia de análise do mundo que vivemos, acreditando que a ciência e a arte devem estar a serviço da afirmação da vida, o que extrapola e congrega áreas do conhecimento. Cremos assim nos aproximar de algumas propostas que dizem respeito a uma abordagem criativa, que aproxima a academia e a abordagem artística, não na perspectiva de canonizar a arte, mas de “criativizar” e diversificar a abordagem científica como na proposta de Felix Guattari de uma “*ecosofia mental*”:

A ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os “mistérios” da vida e da morte... [...] Sua maneira de operar aproximar-se-á mais daquela do artista do que a dos profissionais “psi”, sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade. (GUATTARI, 2006, p. 16)

Com isto, o autor busca “desfazer todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos paradigmas que serão de preferência ético-estéticos”... (GUATTARI, 2006, p.18). Acerca de tais paradigmas ele explica:

[...] Invocando paradigmas éticos, gostaria principalmente de sublinhar a responsabilidade e o necessário “engajamento” não somente dos operadores “psi”, mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda, etc.). É eticamente insustentável se abrigar, como tão frequentemente fazem tais operadores, atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada

sobre um controle do inconsciente e um *corpus* científico. De fato, o conjunto dos campos “psi” se instaura no prolongamento e em interface aos campos estéticos. (GUATTARI, 2006, p. 21)

Citamos Guattari para evocar uma necessidade discutida na academia, de uma análise possível de congregar as teorias acadêmicas com a experiência de campo vivida subjetivamente, que é singular, dando ao trabalho uma dimensão criativa, perceptiva e autoral. A partir deste caminho delineado, esta proposta que buscou concatenar transversalmente, as percepções descritas, o universo artístico retratado e a teoria que fundamenta a análise antropológica.

Buscamos com este artigo mostrar que tal aproximação das artes e ciências não destitui a segunda de seu grau de objetividade, mas permite novos olhares, para notar o objeto científico. Este movimento mostra como sentidos compartilhados e objetividade podem trabalhar conjuntamente, acrescentando a abordagem acadêmica.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

BARBOSA, Gustavo. 1986. *Grafitos de banheiro*. Rio de Janeiro: Anima.

DELEUZE, Gilles. 1988. *Foucault*. Trad: Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense.

DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. São Paulo: Perspectivas.

FIGUEIRA, S.A. 1981. *O contexto social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

FOUCAULT, Michel. 1998. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 6ª edição, Tradução de Laura de Almeida Sampaio.

_____. 1990. *As Palavras e as Coisas – Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 1985. *História da sexualidade: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 3 v.

_____. 1987. *Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes.

GELL, Alfred. 1998. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon.

GEERTZ, Clifford. 1997. *O Saber Local - Novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes

GOMES, Helena Vieira. 2008. *O Sítio do Picapau Amarelo: Cartografia de uma Cosmologia Ficcional*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em antropologia Social, Museu Nacional. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

GUATTARI, Félix. 2006. *As Três Ecologias*. Campinas: Papyrus.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. "*De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*". São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, p. 17 -49.

MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. 2000. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). 2007. *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome.

MENEZES, Rodrigo Carqueja de. 2006. *Devir e agenciamento no pensamento de Gilles Deleuze*. Revista Comum, nº. 26. Rio de Janeiro, v.11, p. 66-85.

PAZ, Octavio. 2002. *Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza*. São Paulo: Perspectiva.

ROLNIK, Suely. *Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. In: Cadernos de Subjetividade / Núcleo de estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC, São Paulo: v.1, n.2, 1993.

SIMMEL, Georg. 2005 [1903]. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Rio de Janeiro: Mana- Estudos de antropologia social, v. 11, n. 2, p. 577-591.

VELHO, Gilberto. 1986. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WAIZBORT, L. 2000. *As aventuras de George Simmel*. São Paulo: Ed.34.

WIRTH, Louis. 1973. "*O urbanismo como modo de vida*", in VELHO, O.G. (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.

DOCUMENTO ICONOGRÁFICO:

DUCHAMP, Marcel. *A fonte*, 1917, porcelana. 33,5 cm. Indiana University Arte Museum, Bloomington

TESES, ARTIGOS E ELETRÔNICOS:

BABO, Maria Augusta. (1996). As implicações do corpo na leitura. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/babo-augusta-implicacoes-corpo-leitura.html>. Acesso em: 10 jan. 2010

_____. (2005). Do texto como textura heterogênea ao texto como textura híbrida. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/babo-maria-augusta-texto-como-textura-heterogenea-texto-como-textura-hibrida.pdf>.

Acesso em: 10 jan. 2010

BERGER, Mirela. (2006). *Corpo e identidade feminina*. Universidade de São Paulo, São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH); Dissertação (Doutorado em Antropologia Social). Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22112007-150343/>

Acesso em: 04 de jan. 2009.

DUARTE, L. F. D.(2003). *Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 2 ago. 2008.

MUNHOZ, D.R.M. (2003). *Graffiti: uma etnografia dos autores da escrita urbana de Curitiba*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em:

<http://www.antropologiasocial.ufpr.br/teses.htm>

Acesso em: 28 de ago. de 2008.

NAZARETH, Paulo. (2009). Projeto Arte no Banheiro. Disponível em: <http://artecontemporanealtda.blogspot.com/>. Acesso em: 12 de dez. 2009

OTTA, Emma & TEIXEIRA, Renata Plaza. (1998). *Grafitos de banheiro: Um estudo de diferenças de gênero*.

Disponível em: www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a04v03n2.pdf

Acesso em: 02 de set. de 2008.

PRATA, Mario. (1994). Saudades do banheiro de antigamente. Disponível em:

http://www.marioprataonline.com.br/obra/cronicas/saudade_do_banheiro.htm

Acesso: 15 nov. de 2009

SANTOS, Ludmila Helena Rodrigues. *“Estive aqui! Assinado: Eu”*: Um olhar antropológico sobre os escritos de banheiro. 2010. 54 f. Trabalho acadêmico para conclusão do curso de bacharelado. Departamento de Artes, Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

* BANHEIRO FEMININO. Disponível em: www.banheirofeminino.com.br

Acesso: 06 de nov. de 2009.

FILMES:

REQUIEM PARA UM SONHO. Dirigido por Darren Aronofsky. Estados Unidos: Artisan entertainment, 2000. 1 DVD. (100 min.).

EU, CRISTIANE F.-13ANOS, DROGADA E PROSTITUÍDA. Dirigido por [Uli Edel](#). Alemanha: SPECTRA, 1981. 1 DVD. (125 min.).

KIDS. Dirigido por Larry Clark. Estados Unidos: Xcalibur Films; Guys Up Staires; Independet Pictures, Kids NY Limited, Miramax Fims , 1995. 1 DVD. (109 min.).

TRAINSPOTTING - SEM LIMITES. Dirigido por **Danny Boyle**. Reino Unido: Miramax Films,1996. 1 DVD (94 min.).